



REVISTA

# Cadernos de Educação

FaE | PPGE | UFPel

ARTIGO | DOSSIÊ

## As relações com a cidade: por onde (não) tem andado as crianças do Centro de Educação Infantil Nossa Senhora do Mont Serrat?

The relationships with the city: where have the children of the Centro de Educação Nossa Senhora do Mont Serrat (not) been walking?

*Relaciones con la ciudad: ¿dónde (no) han estado los niños del Centro de Educação Infantil Nossa Senhora do Mont Serrat?*

Ana Carolina de Araujo Ricardo  
Adilson De Angelo  
Débora Marina Picinato

### RESUMO

O presente artigo buscou compreender a relação das crianças com a cidade a partir dos espaços que as crianças do Centro de Educação Infantil (CEI) Nossa Senhora do Mont Serrat frequentam na cidade de Florianópolis. Para a geração de dados foram utilizados desenhos produzidos pelas crianças e mapas vivenciais elaborados pelas professoras. Os resultados demonstraram que as crianças costumam frequentar, com as suas famílias e professoras, os espaços públicos próximos ao CEI, como parques e praças. O estudo destaca a importância das unidades educativas na ampliação do repertório cultural e da democratização do acesso a espaços públicos.

**Palavras-chave:** infância; cidade; educação infantil.

### ABSTRACT

This article sought to understand children's relationship with the city based on the spaces that children from the Centro de Educação Infantil Nossa Senhora do Mont Serrat frequent in the city of Florianópolis. Drawings produced by the children and experiential maps drawn up by the teachers were used to generate the data. The results showed that the children usually go with their families and teachers to public spaces near the Early Childhood Education Centre, such as parks and squares. The study highlights the importance of educational units in expanding the cultural repertoire and democratising access to public spaces.

**Keywords:** childhood; city; early childhood education.

### RESUMEN

Este artículo buscó comprender la relación de los niños con la ciudad a partir de los espacios que los niños del Centro de Educación Infantil (CEI) Nossa Senhora do Mont Serrat frecuentan en la ciudad de Florianópolis. Para generar los datos se utilizaron dibujos realizados por los niños y mapas vivenciales elaborados por los profesores. Los resultados mostraron que los niños suelen ir con sus familias y profesores a espacios públicos cercanos al CEI, como parques y plazas. El estudio destaca la importancia de las unidades educativas en la ampliación del repertorio cultural y en la democratización del acceso a los espacios públicos.

**Palabras-clave:** infancia; ciudad; educación infantil.

## **Dos pontos de partida para pensarmos as crianças e suas relações com a cidade**

Pensar a educação das crianças na relação com a cidade é reconhecer que o ambiente urbano pode ser um espaço incrivelmente enriquecedor para o desenvolvimento infantil. Manuel Sarmiento (2013; 2015a; 2015b) nos lembra da importância de organizar a educação da infância como um campo de possibilidades que parte das crianças e de suas práticas culturais. Esse princípio fundamental orienta a ação pedagógica, colocando as crianças no centro do processo educativo. Para esse autor, as instituições educativas desempenham um papel crucial nesse contexto, pois são os lugares onde as culturas se encontram e se entrelaçam. É nesse ambiente que, por excelência, as crianças se apropriam das linguagens, dos saberes e das formas que materializam o conhecimento do mundo. Além disso, as instituições educativas também se tornam espaços de afirmação das culturas infantis, reconhecendo a riqueza e a diversidade das experiências das crianças.

Neste sentido, diz-nos Sarmiento que é possível organizar a educação da infância como um campo de possibilidades e como uma *polis*, pensando as instituições educativas como um lugar de encontro de culturas, reconhecendo-as como um mundo social de vida das crianças. Por isso, assevera que a Educação Infantil é uma experiência educativa que deve acontecer na relação com a cidade.

Reconhecer que os espaços coletivos de educação e cuidado se configuram como um verdadeiro mundo social de vida das crianças significa criar condições para que essas instituições promovam os direitos fundamentais dos sujeitos infantis, incluindo proteção contra a violência, acesso à saúde, alimentação adequada, contato com a natureza, afeto, brincadeira e participação ativa. Portanto, as instituições educativas devem ser elos da

política social, trabalhando em parceria com outros serviços públicos e a comunidade, para garantir o pleno desenvolvimento das crianças. Organizar a unidade educativa como uma *polis* também significa reconhecer a importância da cidadania infantil. As instituições educativas devem ser locais onde as crianças exercem sua cidadania social, cognitiva, institucional e "íntima". Isso envolve o reconhecimento e a garantia dos direitos sociais, o respeito pela alteridade, a participação ativa na tomada de decisões e a proteção contra qualquer forma de violência ou abuso.

Além disso, a Educação Infantil não se limita às paredes da instituição educativa. Ela se estende pela cidade, abrindo portas para aprendizagens formais e não formais em museus, centros culturais, parques, espaços esportivos, oficinas de artesãos, bibliotecas, agremiações culturais e muito mais. A cidade se torna um ambiente de aprendizado, onde as crianças podem explorar, interagir e expandir seu horizonte de conhecimento. Pensar a educação das crianças na relação com a cidade é reconhecer a cidade como um vasto território de aprendizado e crescimento, como um campo de possibilidades a ser conhecido, vivenciado e explorado pelas crianças.

As instituições educativas desempenham um papel fundamental ao promover os direitos das crianças, respeitar suas culturas e criar um ambiente de cidadania infantil ativa. Nesse contexto, a cidade se torna um espaço rico e diversificado onde as crianças podem descobrir, aprender e se desenvolver plenamente. Por isso, diz-nos Sarmiento (2015b, p. 39):

A Educação Infantil é uma educação na cidade. As instituições educativas abrem-se à promoção de aprendizagens formais e não formais no museu, no centro cultural, no jardim, no parque infantil, no centro de educação em ciência, nos parques urbanos, nos recintos e quadras desportivas, na oficina dos artesãos, na biblioteca ou na livraria, na agremiação cultural, na banda de música, na sala da orquestra, no passeio, na praça e na rua.

A visão de Sarmiento sobre a Educação Infantil como uma educação na cidade nos convida a repensar profundamente o papel das instituições educativas e a relação das crianças com o ambiente urbano. Nesse contexto, os museus se tornam espaços de descobertas vivas, onde a história e a arte ganham vida; outros espaços culturais oferecem experiências enriquecedoras que expandem os horizontes das crianças. Os jardins, as praças e os parques

infantis se transformam em laboratórios naturais, onde a curiosidade é estimulada. Os centros de educação em ciência se tornam lugares de experimentação e descoberta, onde as crianças podem investigar o mundo que as cerca. Os parques urbanos oferecem espaços para a prática esportiva e o contato com a natureza. Os recintos e as quadras esportivas promovem o trabalho em equipe e a atividade física. As oficinas dos artesãos proporcionam oportunidades para criar e expressar a criatividade. As bibliotecas e livrarias se tornam fontes inesgotáveis de conhecimento e imaginação. As agremiações culturais e bandas de música oferecem a chance de se envolver na cultura local. As salas de orquestra são palcos para apreciar a beleza da música. Os passeios pela cidade, pelas praças e pelas ruas se transformam em experiências de aprendizado, onde cada esquina esconde uma história ou um segredo a ser desvendado.

Nesse cenário, a cidade se torna um espaço vivo de educação, onde as crianças são incentivadas a questionar, explorar e interagir com o ambiente e a comunidade ao seu redor. As instituições educativas abertas à cidade se tornam catalisadoras desse processo, facilitando o acesso das crianças a oportunidades de aprendizado formal e não formal. Por isso, como síntese de suas ideias, Sarmiento nos lembra que a Educação Infantil não pode ser confinada a quatro paredes. Ela é uma educação na cidade, onde as instituições educativas desempenham o papel de guias, abrindo as portas para um mundo vasto e diversificado de conhecimento e experiência. Ao promover a integração das crianças com a cidade, estamos enriquecendo suas vidas e preparando-as para se tornarem cidadãs ativas e conscientes do seu entorno.

Essa perspectiva de reconhecer a possibilidade de que Educação Infantil possa ser um processo educativo que se dá na cidade, conforme orienta Sarmiento, tornou-se ponto de partida para a realização do estudo que aqui apresentamos.

Partindo de nossas experiências docentes – que se constituem no âmbito da ação direta com as crianças em creches e pré-escolas e também na formação docente inicial e continuada – e dos nossos desejos de seguir conhecendo mais sobre as infâncias, as crianças e seus processos educativos,

através de nossos estudos e pesquisas<sup>1</sup>, tomamos como mote a realidade que nos informa que é comum as crianças pequenas passarem boa parte do seu dia dentro da instituição educativa. Revelando, assim, a institucionalização e o confinamento da infância, o acesso restrito aos espaços públicos e o direito à cidade. Por isso, questionamos: Como a rotina das crianças se organiza em outros contextos sociais e espaciais quando não estão na creche ou na pré-escola? Por quais espaços da cidade elas andam quando não estão nas unidades de Educação Infantil?

Considerando as ideias de Sarmiento sobre a importância da circulação das crianças pela cidade, como parte do seu processo educativo, realizamos uma pesquisa que procurou conhecer os locais da cidade de Florianópolis que as crianças costumam frequentar com as suas famílias e também os espaços da cidade que (não) são por elas ocupados enquanto crianças da Educação Infantil.

Esta questão acabou por suscitar questionamentos que foram delimitando a trajetória da pesquisa, nomeadamente: Quais locais as crianças visitam com as suas famílias? Há saídas e passeios pela cidade com a unidade de Educação Infantil? Os locais que frequentam com as famílias e com o Centro de Educação Infantil são os mesmos? A unidade de Educação Infantil se constitui como uma ilha, na qual as crianças estão confinadas por longos períodos? Por que alguns locais são mais frequentados que outros?

Ao procurar responder algumas dessas questões, podemos nos reencontrar com as reflexões de Sarmiento sobre a importância de integrar a educação das crianças com a cidade, mostrando que a relação entre as crianças e o ambiente urbano é fundamental para o desenvolvimento da cidadania infantil. Ao pensarmos na educação das crianças nesse contexto, percebemos que a participação cidadã das crianças na representação, definição e configuração do espaço urbano é profundamente influenciada. Quando as crianças são afastadas ou restritas em seu acesso ao espaço urbano, isso não apenas limita sua liberdade de movimento, mas também restringe sua capacidade de se envolverem ativamente na vida da cidade. A

---

<sup>1</sup> Desenvolvemos as pesquisas como integrantes do Laboratório de Educação e Infância (LABOREI) e do Coletivo Ciranda - Grupo de Pesquisa Infância, Cidadania e Redes Educativas - UDESC.

cidade é um ambiente rico em interações sociais e oportunidades de aprendizado, e negar às crianças a possibilidade de explorar esse ambiente é negar a elas a oportunidade de desenvolver uma autoconsciência como membros ativos da comunidade.

No entanto, a cidade também tem o potencial de fortalecer a cidadania infantil. Ela é um espaço onde as funções essenciais da vida individual e coletiva se entrelaçam, proporcionando um ambiente ideal para o desenvolvimento de políticas urbanas voltadas para o bem-estar das crianças e sua participação ativa. Essas políticas, como segue orientando Sarmiento, podem ser direcionadas para promover fatores-chave, como a personalização (considerar as necessidades individuais das crianças), *affordance* (criar oportunidades para a ação), experiência (proporcionar vivências significativas), intergeracionalidade (facilitar a interação entre diferentes gerações), participação (envolver as crianças nas decisões sobre o ambiente urbano) e urbanidade (criar cidades adaptadas às necessidades das crianças) (Sarmiento, 2018, p. 236).

Portanto, pensar na educação das crianças na relação com a cidade é reconhecer que a cidade é um espaço de aprendizado e cidadania para as crianças. A participação ativa das crianças na vida urbana não apenas enriquece sua experiência, mas também as prepara para se tornarem cidadãs conscientes, capazes de contribuir de forma significativa para o desenvolvimento da comunidade em que vivem. Portanto, é crucial que políticas urbanas e educacionais estejam alinhadas para garantir que as crianças tenham acesso a todas as oportunidades que a cidade tem a oferecer.

## **Trilhando caminhos teóricos para seguir pensando as crianças e suas relações com a cidade**

A concepção moderna da infância se compõe a partir da sociedade capitalista, do mercado de trabalho, das instituições educacionais e do desenvolvimento do conhecimento científico (Kuhlmann Jr; Fernandes, 2012). A construção social da infância é marcada por estruturações do cotidiano e organizações sociais para as crianças resultando na institucionalização da infância. O conjunto de procedimentos configuradores denominados administração simbólica da infância consistem em normas, atitudes

procedimentais e prescrições, que também foram instituídos com a modernidade. A institucionalização se deu a partir de alguns fatores, um deles foi a criação de locais de socialização por meio da fundação da escola pública de massas e, posteriormente, sua obrigatoriedade. Dessa forma, as crianças são submetidas ao trabalho escolar a partir de atividades de aprendizagem para preparação futura, ou como uma forma de “investimento societal rentabilizável, na sua prestação futura, quando adultas” (Sarmiento, 2000, p. 34), configurando assim, o que foi denominado como ofício do aluno.

A escola, constituída como instrumento de cidadania, mas considerando a criança como um vir a ser e plenamente cidadã apenas quando adulta, colaborou com a transformação da criança em aluno. Ademais, a institucionalização está associada a uma concepção normativa da infância na qual as crianças precisam ocupar locais que regem e limitam suas ações no espaço para condicionar a vida das crianças em sociedade e para que se constituam de acordo com essas concepções normativas (Sarmiento, 2004; Sarmiento, 2018).

Enquanto alunas, as crianças passam a ter uma agenda curricularizada e determinada pelos adultos. Essa organização do espaço e do tempo acaba promovendo uma experiência fragmentada e confinada das crianças na sua relação com a cidade. Clubes, *playgrounds*, cursos e escolas são exemplos de ilhas de atividades por onde as crianças se deslocam na cidade, geralmente conduzidas por adultos. Esse fenômeno foi denominado por Helga Zeiher (2003) de *insularisation*, traduzido aqui como insularização.

Os espaços destinados às crianças, como as instituições escolares e os espaços de lazer, possuem características físicas semelhantes com estruturas e cores iguais e equipamentos fixos que restringem a criatividade, a curiosidade, a mobilidade, o desenvolvimento sensorial e a participação ativa das crianças nestes locais. Esses espaços estão cada vez mais reduzidos e sob intervenção dos adultos, reprimindo a liberdade da fantasia, controlando, vigiando e protegendo as crianças para assegurar a tranquilidade dos adultos (Tonucci, 2005; Nascimento, 2009; Qvortrup, 2015; Miranda, 2020).

A concepção da criança como um ser passivo, incapaz e dependente é acentuada no comportamento dos adultos em relação às crianças nos centros

urbanos. A constante mediação durante a circulação das crianças nos espaços da cidade e a organização espacial e temporal nos lugares de criança restringem interações diversificadas e disciplinam os corpos infantis “a partir de um gosto estético infantilizado dentro dos limites de uma visão adultocêntrica” (Da Silva; Silva, 2018, p. 98). Esse movimento revela a necessidade da participação das crianças no planejamento urbano e do protagonismo dos sujeitos infantis para que a cidade possibilite o encontro com diferentes grupos e pessoas, com mais possibilidades às crianças do que perigos.

Os passeios aos espaços da cidade com os colegas e professores, quando possuem intencionalidade pedagógica e consideram as crianças como sujeitos de direitos e protagonistas, promovem oportunidades de descobertas, interações e aprendizado significativo e contextualizado. Além disso, as saídas podem oportunizar para as crianças experiências em espaços que, por algum motivo, não teriam a possibilidade de ir com as famílias, evidenciando a importância da democratização dos espaços públicos por meio do direito à Educação Infantil pública.

É a partir da presença e da participação das crianças em diferentes espaços da cidade, de modo não adultocentrado, que elas atribuem um valor simbólico ao espaço transformando-o em lugar. O lugar então caracteriza-se como um espaço de memórias, afetos, onde se constrói significados a partir da vivência e dos atravessamentos que essas vivências provocam. Contribuindo para o encontro e o convívio com as diferenças e para a cidadania infantil (Sarmiento, 2018).

Com o crescente processo de urbanização na sociedade contemporânea, as cidades passaram pelo processo de reestruturação urbana. Ao se debruçar sobre os estudos de Walter Benjamin, destaca Sarmiento (2018, p. 238): “formas estereotipadas e gastas com que a mesmidade da mercadoria e das suas estratégias de apresentação tende a impor gostos comuns e vivências marcadas pelo atrofamento devido ao desenraizamento e à alienação”. Essa configuração da sociedade abarca as crianças e indica as relações que estabelecem como, onde e com quem brincar. Por consumir espaços e materiais elaborados pelos adultos, as crianças são privadas de participação e da apropriação da cidade, estranhando-a e tornando-se cidadãs

que não se envolvem na tomada de decisão sobre a organização da sociedade, abrigando-se nos espaços privados.

As desigualdades de acesso aos espaços públicos privam as crianças do “direito à cidade”, proposto desde 1968 por Henri Lefebvre (2008). Esse conceito envolve processos coletivos de apropriação e refere-se ao direito ao tempo-espaço livre, aos parques, ruas, praças, direito à natureza urbana, à cultura, à cidadania e à moradia. Assim, as crianças como cidadãos não devem ser excluídas da vida urbana, mas devem ter os seus direitos garantidos por meio da participação, circulação, uso dos espaços públicos e sentimento de pertencimento à cidade. No entanto, essa experiência urbana só será possível com mudanças estruturais e novas formas de apropriação dos territórios, de produção e de consumo, vislumbrando uma cidade democrática e igualitária, considerando as necessidades de todos os grupos sociais. E isso, sobretudo, se fará mediante a participação das crianças, ouvindo o que elas têm a dizer sobre as formas de pensar a cidade.

Apesar das lógicas adultocêntricas e da homogeneização ocasionada pela Modernidade, ancorada em uma perspectiva eurocêntrica e universal, as crianças não são iguais, vivem a infância de maneiras diferentes. Para romper com a ideia de uma infância global, é importante pensar a especificidade da infância, ou seja, refletir e pesquisar sobre a infância local e as características e particularidades dos lugares que ela ocupa (Duarte, 2020).

É preciso conhecer a heterogeneidade da infância e as características que a compõem, pois a realidade das crianças e as suas experiências sociais e culturais constituem os saberes e as relações que estabelecem. Nesta mesma perspectiva, Jader Moreira Lopes e Maria Fernandes (2018, p. 205) destacam a necessidade de

[...] compreender as infâncias e a vida das crianças a partir dessas produções socioespaciais, pois estar aqui ou em outra localidade do planeta faz toda a diferença, quando se pensa na produção da própria diferença e da diversidade de infância.

Partindo desta perspectiva, a pesquisa que inspira este texto se dedicou para a especificidade da infância situada em um contexto local, buscando uma compreensão dos lugares que as crianças do CEI Nossa Senhora do Mont Serrat ocupam na cidade de Florianópolis. Para tanto, as aproximações foram

realizadas por meio das escolhas metodológicas que serão apresentadas a seguir.

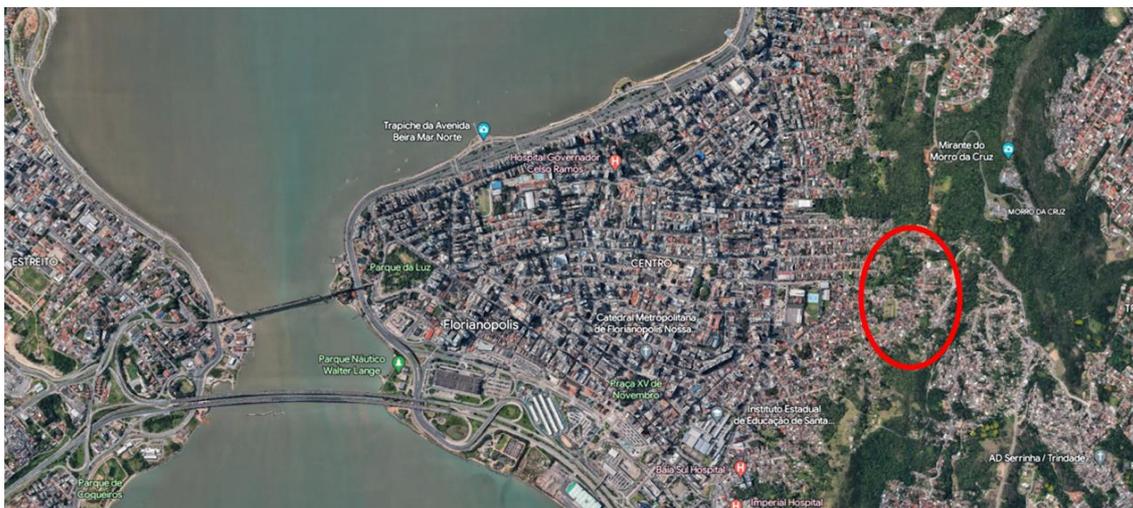
## **Percursos metodológicos para “encontrar” as crianças na cidade**

A pesquisa foi desenvolvida com o coletivo de crianças com suas famílias e de crianças com profissionais do Centro de Educação Infantil (CEI) Nossa Senhora do Mont Serrat, durante o primeiro semestre do ano de 2023. A escolha dessa unidade educativa como campo de pesquisa justifica-se pelas particularidades da comunidade onde ela se encontra, por sua localização no centro da cidade de Florianópolis, bem como pelas relações já estabelecidas com a universidade. Por se tratar de uma pesquisa que se efetiva na relação com as pessoas (crianças com suas famílias e com profissionais da educação), buscou-se cumprir todas as orientações éticas e estéticas e, também, os ritos que devem guiar esses processos em suas diferentes etapas.

A comunidade do Mont Serrat (Figura 1), também conhecida como Morro da Caixa, possui uma população de 8.952 residentes, sendo 54% mulheres (Maia, 2019); é uma das 16 comunidades que fazem parte do Maciço do Morro da Cruz, totalizando cerca de 37 mil habitantes, que é considerado uma das regiões de maior vulnerabilidade social de Florianópolis. De acordo com as pesquisas censitárias, e na concepção dos seus moradores, se constitui uma comunidade majoritariamente negra (Maia, 2019).

As relações com a cidade: por onde (não) tem andado as crianças do Centro de Educação Infantil Nossa Senhora do Mont Serrat?

**Figura 1** - A Comunidade do Mont Serrat na Ilha de Santa Catarina - Florianópolis-SC



Fonte: Google Earth, 2023.

O Centro de Educação Infantil Nossa Senhora do Mont Serrat possui convênio com a Prefeitura Municipal de Florianópolis e é subsidiado pela Sociedade da Divina Providência<sup>2</sup> (SDP), que oferece atendimento gratuito em período integral para 81 crianças.

Participaram da pesquisa 10 professoras e 4 grupos de crianças do CEI Nossa Senhora do Mont Serrat; foram 56 crianças, com idade entre 3 e 6 anos. O recurso utilizado para constituir a geração de dados foi o desenho, que tinha como tema os espaços que as crianças costumavam ir. Esse recurso permitiu à criança a possibilidade de se expressar e comunicar seus repertórios de memória. O material desenvolvido foi enviado às famílias dentro de um envelope com um convite, apresentando brevemente a pesquisa, juntamente com uma folha para que, se desejassem, pudessem escrever sobre o processo do desenho, não o fazendo em cima da produção das crianças.

Para a participação das professoras, o recurso utilizado foi o mapa vivencial<sup>3</sup>, onde puderam desenhar e escrever os locais visitados com as

<sup>2</sup> A SDP é uma entidade Católica Romana ligada à Congregação das Irmãs da Divina Providência.

<sup>3</sup> Jader Janer Moreira Lopes e Bruno Muniz Figueiredo Costa (2023) apresentam essa possibilidade cartográfica na perspectiva de processualidade; ou seja, o mapa assume um caráter de inacabamento, sujeito à transgressão e potencialidade criadora em relação à cartografia oficial (encontrada em Atlas escolares, Atlas do IBGE, geralmente produzidos pelos órgãos de governo e pelos militares) e aos modos como estamos acostumados a mapear o mundo.

crianças em Florianópolis durante o período de atuação na creche, tendo uma imagem do CEI como centro do mapa. A proposta também foi enviada dentro de um envelope, em folha A3, juntamente com recomendações para que produzissem um mapa vivencial. O intuito da elaboração do mapa vivencial foi a produção cartográfica das vivências das crianças na cidade propostas pelas professoras, sem a rigidez dos padrões cartográficos, mas com a sua própria linguagem e lógica espacial.

Para a interpretação e análise dos dados gerados, duas categorias, que se desdobraram em subcategorias, foram sistematizadas por meio da técnica de Análise de Conteúdo, de Laurence Bardin (2021), sendo elas: “Desenhando a cidade: por onde andam as crianças com as suas famílias?” e “Mapa vivencial: por onde andam as crianças com as professoras do CEI Nossa Senhora do Mont Serrat?”.

### **Desenhando a cidade: por onde andam as crianças com as suas famílias?**

No percurso da pesquisa, com o intuito de compreender por onde as crianças do CEI Mont Serrat andam, e considerando a importância da participação delas na pesquisa, um dos recursos metodológicos utilizados foi o desenho produzido por elas, como podemos ver a seguir (Figura 2).

**Figura 2** - Desenhando a cidade I



Fonte: Arquivo dos autores.

Quando indagadas sobre os lugares que costumam frequentar em Florianópolis, uma diversidade de cores, formas e traçados representaram a cidade de diversas maneiras, a partir dos passeios, das visitas a seus familiares, das brincadeiras ao ar livre, dos encontros com seus pares e demais categorias geracionais.

Os locais desenhados foram sub categorizados em grupos de acordo com características em comum. A saber: pontos turísticos, praias, praças e parques, shoppings, restaurantes, igrejas e espaços familiares. No entanto, outros espaços, como creche, parque de diversão, ônibus, sítio e academia, foram descritos uma única vez e não apresentaram características em comum com as categorizações realizadas.

Preferir e frequentar são questões diferentes e que devem ser levadas em consideração. Louise Chawla (1992) observou que os locais eleitos como os favoritos das crianças, como paisagens naturais, parques, bosques, instalações recreativas, não são utilizados com a mesma frequência com que são mencionados como locais preferidos, raramente são observados gastando até 15% de seu tempo nesses locais. Nesse sentido, Moore (*apud* Chawla, 1992) indica que este fato pode ser explicado a partir de duas esferas: a “esfera funcional” do uso real do lugar, no qual as crianças têm um controle limitado, e a “esfera idealizada”, onde encontram-se os valores, a percepção sensorial e as memórias a longo prazo que se tornam evidentes à medida que as crianças desenhavam e falavam sobre os lugares importantes para elas.

A escolha de um espaço pelas crianças está relacionada com as características ambientais (espacial, físico e social) e com as possibilidades de utilização que o espaço oferece, como fácil acesso para o uso frequente, amigos para brincar e a variedade de comportamentos que o local proporciona (Min; Lee, 2006).

Neste estudo, a pergunta lançada às crianças foi: “Quais os lugares de Florianópolis você costuma ir?”. No entanto, sabe-se que a memória e a “esfera idealizada” irá recorrer a lugares que são importantes e que têm valor afetivo para as crianças, como foi o caso de alguns espaços representados.

Dentre os locais mais frequentados pelas crianças do CEI, estão os ambientes ao ar livre, como parques e praças, principalmente a Praça Getúlio

Vargas, mais conhecida como Praça dos Bombeiros, que abriga uma área de parque infantil muito mencionada na pesquisa, o Parque da Dona Tilinha, conhecido também como Tininha ou Tirinha; a Praça do Mont Serrat; o Parque Municipal do Morro da Cruz; o Parque da Luz e o Parque Ecológico Córrego Grande, respectivamente. Todos esses locais oferecem áreas recreativas com equipamentos de *playground* e estão a uma distância de no máximo 5 km do CEI Nossa Senhora do Mont Serrat indicando a preferência, quando se trata de parques e praças, em percorrer a própria comunidade ou comunidades próximas, ou seja, o próprio território. Pois, como indica Milton Santos (2007, p. 14), o território é definido como “[...] o chão mais a identidade. A identidade é o sentimento de pertencer àquilo que nos pertence. O território é o fundamento do trabalho; o lugar da residência, das trocas materiais e espirituais e do exercício da vida”. São nesses locais que é possível encontrar amigos, vizinhos e familiares.

A praia aparece na sequência como um dos locais mais frequentados. Considerando que a cidade de Florianópolis é uma ilha com 42 praias, os dados gerados corroboram e encaminham-se para essa realidade. Entre as praias mencionadas pelas famílias, estão a Praia da Tapera e Jurerê, ambas a uma distância superior a 20 km da comunidade do Mont Serrat.

De maneira geral, a praia é o local onde as crianças podem experienciar o contato com a natureza. Com crianças e adultos no mesmo espaço, sem cercas fazendo a separação dos espaços, sem equipamentos de *playground* e áreas recreativas, as crianças têm a possibilidade de experienciar o espaço livre, preenchendo e transformando com os usos, brincadeiras e atividades que a criatividade infantil permitir. Diferente dos demais locais apontados na pesquisa, os desenhos que retratam a praia mencionam o que as crianças gostam de fazer nesses locais, tais como: tomar picolé, se banhar, pescar, brincar com a família e fazer novas amizades. Há ainda, na maioria dos desenhos, a representação da família, indicando que esses são locais com interação familiar; há a presença de primos, avós, tios, pais e irmãos.

Os *shoppings centers* aparecem como a terceira categoria mais frequentada pelas crianças. Por configurar um local considerado seguro para muitos, com um público geracional diverso e pela facilidade de encontrar muitos serviços, lazer e entretenimento em um único lugar, muitas famílias

acabam optando por frequentar esses locais. Há a possibilidade de ir a lojas, supermercados, restaurantes, cinemas, lazer para crianças e adolescentes, livrarias, academias, espaços de estética, bancos, serviços públicos e até exposições de arte, shows e teatros. Com todos esses serviços em um único empreendimento, os *shoppings* configuram-se em centros urbanos ideais, com caminhos bem pavimentados, cobertos, iluminados e limpos, com bancos e cadeiras confortáveis, fontes e praças, colocando em questão a noção do público e do privado (Generoso, 2009). Os *shoppings center* aproximam-se dos não-lugares, descrito por Tosi e Augé (2015), espaços em que a identidade é capturada pelo mercado e pela publicidade que tudo rentabiliza, incluindo o lazer, a cultura e a fruição.

Os restaurantes, sobretudo os temáticos, também aparecem nos desenhos como um espaço frequentado pelas crianças. São locais que oferecem uma experiência lúdica, alimentos que acompanham brinquedos, garçons com vestimentas de personagens e “espaço *kids*”. Quando esses estabelecimentos foram retratados nos desenhos, o foco foi dado aos personagens, enquanto a mesa ou o alimento não foram representados, evidenciando a influência da propaganda dos personagens sobre as crianças e o valor da comida como fim em si mesma foi capturado.

Considerando que o consumo é um aprendizado de uma condição social, a criança enquanto consumidora é inserida nos códigos e dinâmicas sociais, a partir do comportamento dos familiares ou responsáveis e da publicidade. Apesar de aprenderem e serem influenciadas pelos adultos, as crianças também exercem influência nas compras e escolhas de consumo da família (Ziliotto, 2003). Quando os restaurantes, assim como os mencionados na pesquisa, associam o consumo alimentício com diversão, personagens e espaços *kids*, há ainda um apelo para o público adulto, que está proporcionando alimentação, diversão e interação para as crianças em um ambiente seguro.

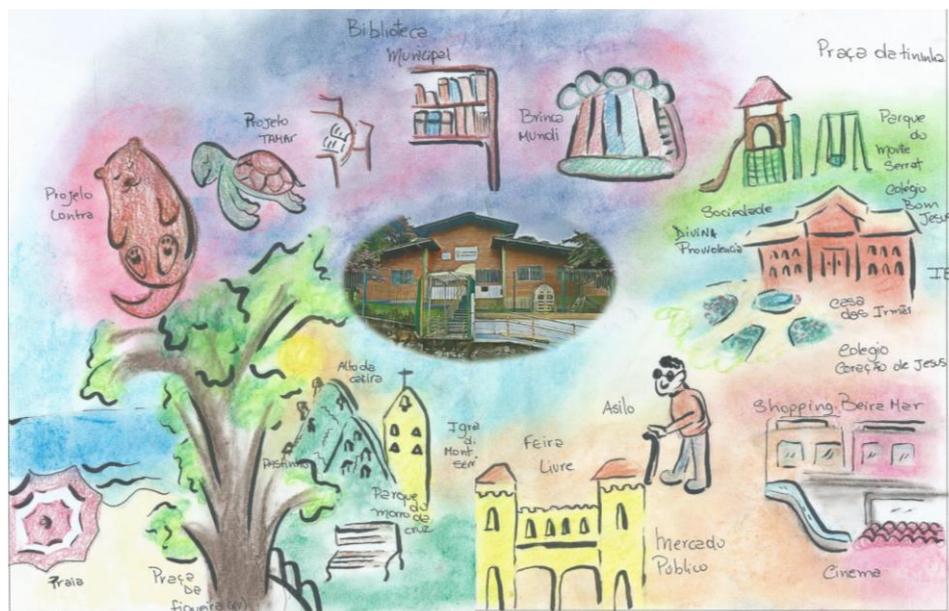
Os espaços familiares, como casas de avós, pai e tios, assim como a Igreja, foram representados; e apesar de mencionados por 5 e 4 crianças, respectivamente, é um dado significativo do trabalho. Dentre as igrejas representadas pelas crianças, apenas a Catedral Metropolitana de

Florianópolis é identificada, e a representação do pastor em outro desenho leva a presumir que se trata de uma igreja evangélica. A presença das igrejas nos dados gerados pode estar relacionada também com a orientação religiosa do CEI e as imagens católicas presentes na unidade, aproximando assim as crianças da religiosidade. A partir dos dados gerados, é possível notar a diversidade dos percursos realizados pelas crianças da comunidade do Mont Serrat com suas famílias.

### **Mapa vivencial: por onde andam as crianças com as professoras do CEI Nossa Senhora do Mont Serrat?**

Os mapas vivenciais objetivam compreender as experiências pessoais de cada indivíduo ao observar o mundo, gerando significado e compreensão de suas vivências espaciais através de artefatos cartográficos que vão além da simples representação da realidade. A partir dos mapas, é possível criar histórias únicas, singulares e diversas, mapeando o vivido e desafiando as hierarquias de conhecimento dentro do campo da cartografia (Moreira Lopes; Costa, 2023). Dessa forma, foi utilizado neste trabalho como ferramenta metodológica, por possibilitar a aproximação e a narrativa das professoras a partir do vivido (Figura 3). Os mapas vivenciais foram produzidos por 10 professoras e apresentaram uma diversidade de espaços visitados com as crianças na cidade de Florianópolis. Os dados podem estar relacionados com o tempo de atuação das professoras no CEI, tendo em vista que foram representados entre 3 e 22 locais visitados.

**Figura 3** - Mapa Vivencial I: A Educação Infantil para além dos muros da instituição



Fonte: Arquivo dos autores.

Os locais foram categorizados pela similaridade de uso. Assim como na análise do material elaborado pelas crianças, as praças e os parques foram representados com maior frequência, sobretudo a Praça do Mont Serrat e o Parque Municipal do Morro da Cruz. Por serem locais com distâncias curtas do CEI e pela possibilidade de realizarem o percurso a pé, sem a necessidade de alugar um ônibus, são locais escolhidos pelas professoras para visitar com as crianças com mais frequência. Ademais, são locais conhecidos das crianças e muito visitados com as famílias, o que oferece um sentimento de pertencimento.

Os projetos Lontra, Tamar e Escola do Mar foram retratados nos mapas vivenciais; esses locais possuem como característica a preservação ambiental e a aproximação das crianças com os animais e o ambiente marinho e costeiro. Esses projetos não foram observados nos desenhos feitos pelas crianças, pois são locais que recebem muitos turistas e grupos de crianças e adolescentes com as unidades educativas. O valor da entrada nos projetos Lontra e Tamar e a distância desses espaços da comunidade do Mont Serrat podem ser interpretados como limitadores no acesso das famílias, restringindo-se a visitas realizadas pelas unidades educativas da cidade. Assim, evidencia-se a

Educação Infantil como importante meio de democratização e ampliação no acesso aos espaços públicos e aos equipamentos culturais da cidade.

As escolas também foram locais representados no mapa, como o Colégio Bom Jesus - Coração de Jesus e o Instituto Estadual de Educação.

As professoras apontaram visitas à Sociedade da Divina Providência e à Casa das Irmãs da Divina Providência. A Igreja do Mont Serrat também aparece como um dos locais visitados com as professoras, evidenciando a questão da religiosidade presente no CEI e reforçada na família, por meio dos dados gerados pelas crianças como um local que costumam ir.

Os asilos ou casas de repouso também foram locais representados em alguns mapas vivenciais, proporcionando o encontro intergeracional, fundamental tanto para as crianças quanto para os idosos. Embora as crianças da pesquisa não tenham representado nos seus desenhos os asilos ou as casas de repouso, algumas delas representaram a casa de familiares, sobretudo de avós e bisavós. Esses encontros intergeracionais propiciam o fortalecimento da solidariedade intergeracional, o cuidado e o afeto, por meio das trocas de experiências e histórias de vida; além disso, promovem o entendimento das crianças sobre a velhice, superando os estereótipos.

Os pontos turísticos, representados pelo Mercado Público Municipal e pela Praça XV de Novembro, assim como os locais culturais, representados pelo Teatro Álvaro de Carvalho, Museu do Lixo, a Feira Livre e o Cinema, aparecem no mapa vivencial de duas professoras.

Em dissonância com os dados das crianças, a praia e o *shopping* foram pouco representados nos mapas vivenciais elaborados pelas professoras, indicando diferenças entre os locais que percorrem com as famílias e com as professoras.

Conforme o exposto, os espaços da cidade, com as suas particularidades, se constituem como potencializadores das interações das crianças entre os seus pares e entre gerações, das brincadeiras, do saber sobre a cultura e a história da cidade. A Figura 4 mostra um mapa, também produzida por uma professora, que nos dá a conhecer a pluralidade desses espaços e lugares e as potências que eles representam nas relações que as crianças podem construir com o mundo social e cultural que se descortina à sua volta.

As relações com a cidade: por onde (não) tem andado as crianças do Centro de Educação Infantil Nossa Senhora do Mont Serrat?

**Figura 4** - Mapa Vivencial II: A Educação Infantil para além dos muros da instituição



Fonte: Arquivo dos autores.

## Considerações para seguir em velhas e novas andanças

A cidade se constitui em um universo de saberes que muitas vezes passam despercebidos pelos olhos dos adultos, mas quando percorremos as ruas e convivemos com os seus habitantes, sobretudo com as crianças, são ressignificadas como lugares de encontro, história e cultura e não apenas de passagem.

O acesso aos espaços da cidade de Florianópolis pelas crianças do CEI Nossa Senhora do Mont Serrat foi descrito a partir das saídas com as professoras do CEI e com as famílias. Evidenciou-se que os familiares e as professoras preferem propor às crianças os espaços de brincadeiras próximos a sua casa ou ao CEI. Essa recorrência pode estar relacionada com o sentimento de pertencimento à comunidade, uma vez que ficou manifesto o valor afetivo das relações construídas na vizinhança, pois, muitos dos locais citados na comunidade são locais que os familiares de gerações anteriores frequentavam e brincavam.

Assim, é importante considerar e reconhecer que a dimensão cultural, da experiência cultural, da formação da identidade e do pertencimento das crianças, na primeira infância, inicia-se nas proximidades de casa, nas ruas, no trajeto à creche, nos parques e nas praças. Essa vivência cultural pode ser iniciada e ampliada na experiência coletiva da Educação Infantil, partindo da

própria participação infantil organizada em seus territórios, denunciando e sugerindo melhorias dos espaços públicos e tomando as crianças como principais indicadores da qualidade desses espaços, que devem ter como função social a garantia do direito à infância, ao brincar e à participação nas decisões que lhe afetam.

Compreendemos, então, que as unidades educativas, quando comprometidas com a experiência cultural, são ambientes privilegiados para ampliação de repertório e de acesso a determinados lugares, democratizando o acesso aos espaços públicos e equipamentos culturais da cidade, superando, assim, a ideia de que alguns locais são ainda mais desautorizados para as crianças. Neste ínterim, a partir dos espaços mapeados pelas professoras e desenhados pelas crianças, é possível dizer que uma parte significativa do acesso das crianças aos espaços da cidade ocorre por meio dos passeios à cidade que realizam com as unidades educativas.

O estudo que aqui apresentamos não pretendeu esgotar as questões que nos mobilizam quando pensamos na relação das crianças com a cidade. Antes, porém, o nosso desejo foi de continuar suscitando novas questões ou de seguir reinventando outras na defesa das crianças como sujeitos de direito à cidade. É crucial que continuemos a estudar e a pesquisar essa relação para garantir um ambiente urbano saudável e enriquecedor para as crianças. Ouvir as crianças pode significar um bom começo para termos cidades que atendam melhor às suas necessidades e desejos, promovendo um senso de pertencimento e responsabilidade em relação ao espaço urbano, enriquecendo assim sua compreensão do mundo.

Ao iniciarmos o presente texto, tomamos como ponto de partida as contribuições de Sarmiento para pensarmos a relação das crianças com a cidade. Desejando seguir nessas andanças, gostaríamos também de juntar a esses nossos percursos as palavras de Manoel de Barros (2004, p. 13):

Acho que o quintal onde a gente brincou é maior do que a cidade. A gente só descobre isso depois de grande. A gente descobre que o tamanho das coisas há que ser medido pela intimidade que temos com as coisas. Há de ser como acontece com o amor. Assim, as pedrinhas do nosso quintal são sempre maiores do que as outras pedras do mundo. Justo pelo motivo da intimidade.

A visão de Sarmiento sobre o direito das crianças à cidade ressoa profundamente com a poesia de Manoel de Barros. Ambos nos convidam a refletir sobre a importância da intimidade e do vínculo emocional na forma como percebemos e nos relacionamos com o espaço ao nosso redor. Sarmiento nos lembra que as crianças têm um direito inalienável de se apropriar da cidade como um lugar de aprendizado, exploração e crescimento. Isso se assemelha à perspectiva de Manoel de Barros, que nos diz que o quintal onde brincamos na infância é, na verdade, maior do que a cidade em sua vastidão geográfica.

A infância é um período de descobertas e aventuras, e é nesse momento que as crianças desenvolvem uma relação íntima com os lugares que as cercam. O quintal, com suas pedrinhas, árvores e cantos secretos, torna-se um mundo infinito, cheio de maravilhas, porque é ali que as primeiras experiências são vividas. A cidade, por outro lado, muitas vezes parece distante e inatingível para as crianças. Mas essa realidade pode ser modificada, como podemos ver no desenho (Figura 5); e a cidade pode se transformar em um lugar aberto à infância, ou de intimidade, ampliando a nossa percepção de cidade, para que ela se constitua como um grande quintal, onde é possível ser criança, fazendo coisas de crianças.

**Figura 5** - Desenhando a cidade II



Fonte: Arquivo dos autores.

Assim como o amor, que torna pequenas pedrinhas do quintal mais significativas do que as pedras do mundo, o direito das crianças à cidade não se limita ao acesso físico, mas também à oportunidade de construir experiências significativas com ela. É essa intimidade que torna a cidade um lugar verdadeiramente acolhedor e enriquecedor para as crianças, permitindo que elas cresçam com uma conexão genuína com o ambiente que as cerca.

## Referências

BARDIN, Laurence. *Análise de Conteúdo*. Lisboa, Portugal: Edições 70, 2021. 281p.

BARROS, Manoel. *Memórias inventadas: a infância*. São Paulo: Planeta, 2003.

CHAWLA, Louise. Childhood Place Attachments. In: ALTMAN, Irwin; LOW, Setha M. (Ed.). *Place attachment*. Springer Science & Business Media, 1992. pp.63-86.

DA SILVA, Rodrigo Manoel Dias; SILVA, Denise Madeira de Castro e. Cidade, infância e escolarização: um ensaio analítico, *Revista Contrapontos*, v. 18, n. 1, pp.88-101, 2018.

DUARTE, Fabiana. *Educação das crianças na escola de samba: um estudo a partir das relações socioculturais na infância*. 2020. 322f. Tese (Doutorado em Educação), Centro de Ciências da Educação. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis. 2020.

GENEROSO, Évelin. Shopping Center: espaço de sociabilidade, espaço de contradições. *In: 12º ENCONTRO DE GEÓGRAFOS DA AMÉRICA LATINA (EGAL)*, Montevideo, 2009.

KUHLMANN JR, Moysés; FERNANDES, Fabiana Silva. Infância: construção social e histórica. *In: VAZ, Alexandre Fernandez; MONN, Caroline Machado. Educação infantil e sociedade. Questões contemporâneas. Nova Petrópolis: Nova Harmonia, 2012. pp.21-38.*

LEFEBVRE, Henri. *O Direito à Cidade*. 5.ed. São Paulo: Centauro, 2008.146p.

MAIA, Cauane Gabriel Azevedo. O morro feminino é negro: Uma análise interseccional sobre vozes negras em Florianópolis-SC, *Humanidades & Inovação*, v. 6, n. 16, p.44-57, 2019.

MIN, Byungho; LEE, Jongmin. Children's neighborhood place as a psychological and behavioral domain, *Journal of environmental psychology*, v. 26, n. 1, p.51-71, 2006.

MIRANDA, Mogar Damasceno. Territórios naturais e as infâncias: possibilidades, vivências e aprendizagens. *In: DAMASCENO, Mônica Maria Siqueira (org.). Relação sociedade-natureza, saúde e educação: reflexões interdisciplinares. Crato: Quipá Editora, 2020. pp.92-112.*

MOREIRA LOPES, Jader Janer; FERNANDES, Maria Lidia Bueno. A criança e a cidade: contribuições da Geografia da Infância, *Educação*, v.41, n.2, p.202-211, 2018.

MOREIRA LOPES, Jader Janer; COSTA, Bruno Muniz Figueiredo. Mapas vivenciais e espacialização da vida, *Porto das Letras*, v. 9, n. 1, p. 321-335, 2023.

NASCIMENTO, Nayana Brettas. *A cidade (re)criada pelo imaginário e cultura lúdica das crianças: Um estudo em sociologia da infância*. 2009. 203f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Criança), Instituto de Estudos da Criança. Universidade do Minho, Portugal, 2009.

QVORTRUP, Jens. A dialética entre a proteção e a participação, *Currículo sem Fronteiras*, v. 15, n. 1, p. 11-30, 2015.

SANTOS, Milton. O dinheiro e o território. *In: BECKER, Bertha; SANTOS, Milton (org.). Território, territórios: ensaios sobre o ordenamento territorial. Rio de Janeiro: Editora Lamparina, 2007. 416p.*

SARMENTO, Manuel Jacinto. A infância e o trabalho: a (re)construção social dos 'ofícios de crianças', *Revista Fórum Sociológico*, Lisboa, Portugal, v. 3/4, p.33-48, 2000.

SARMENTO, Manuel Jacinto. As Culturas da Infância nas Encruzilhadas da Segunda Modernidade. *In: SARMENTO, Manuel Jacinto; CERISARA, Ana*

Beatriz. *Crianças e miúdos*. Perspectivas sociopedagógicas da infância e educação. Porto: Edições Asa, 2004. pp.9-34.

SARMENTO, Manuel Jacinto. Infância contemporânea e educação infantil: uma perspectiva a partir dos direitos da criança. *In: SALMAZE, Maria Aparecida; ALMEIDA, Ordália Alves (orgs.). Primeira Infância no Século XXI: direito das crianças de viver, brincar, explorar e conhecer o mundo*. Campo Grande: Editora Oeste/OMEP Brasil, 2013. pp.131-148.

SARMENTO, Manuel Jacinto. Para uma agenda da educação da infância em tempo integral assente nos direitos da criança. ARAÚJO, Vânia Carvalho de (org.). *Educação Infantil em Jornada de Tempo Integral: dilemas e perspectivas*. Vitória: EDUFES, 2015a. pp. 61-89.

SARMENTO, Manuel Jacinto. Educação Infantil em tempo integral e bem-estar da criança como princípio de justiça, *Cadernos de Pesquisa em Educação*, PPGE/UFES, Vitória, v.19, n.42, p.29-44, jul./dez. 2015b.

SARMENTO, Manuel Jacinto. Infância e cidade: restrições e possibilidades, *Educação*, Porto Alegre, v.41, n.2, p. 232-240, maio/ago. 2018.

TONUCCI, Francesco. *Quando as crianças dizem: agora chega?* Porto Alegre: Artmed, 2005. 244p.

TOSI, Lamia Jorge Saadi; AUGÉ, Marc. Não lugares: introdução a uma antropologia da supermodernidade, *Revista Aurora*, [S. l.], v.8, n.01, p.139-144, 2015.

ZEIHER, Helga. Shaping daily life in urban environments. *In: CHRISTENSEN, Pia; O'BRIEN, Margaret (ed.). Children in the city: home, neighborhood and community*. London: Routledge Falmer, 2003. 232p.

ZILIOOTTO, Denise M. *O consumidor: objeto da cultura*. Petrópolis: Vozes, 2003. 168p.

Recebido em: 11/10/2023.

Aceito em: 01/05/2024.

### **Ana Carolina de Araujo Ricardo**

Mestra em Aquicultura pela Universidade Federal de Santa Catarina. Graduada em Pedagogia pela Universidade do Estado de Santa Catarina. Professora Auxiliar de Ensino Fundamental na Prefeitura Municipal de Florianópolis. Pesquisadora do Laboratório de Educação e Infância – LABOREI e do Coletivo Ciranda –

As relações com a cidade: por onde (não) tem andado as crianças do Centro de Educação Infantil Nossa Senhora do Mont Serrat?

Grupo de Pesquisa Infância, Cidadania e Redes Educativas.

 [anacarolinaa.ricardo@gmail.com.br](mailto:anacarolinaa.ricardo@gmail.com.br)

 <http://lattes.cnpq.br/3426108052091054>

 <https://orcid.org/0009-0005-9594-4702>

### **Adilson De Angelo**

Doutor em Educação pela Universidade do Porto, com estágio pós-doutoral na Universidade do Minho. Professor do Departamento de Pedagogia da Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC. Coordena o Laboratório de Educação e Infância – LABOREI e o Coletivo Ciranda – Grupo de Pesquisa Infância, Cidadania e Redes Educativas.

 [adilsondeangelo@gmail.com](mailto:adilsondeangelo@gmail.com)

 <http://lattes.cnpq.br/1946915154384138>

 <http://orcid.org/0000-0002-1006-7271>

### **Débora Marina Picinato**

Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Estado de Santa Catarina – PPGE/UDESC. Bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, CAPES, Brasil. Pesquisadora do Laboratório de Educação e Infância – LABOREI e do Coletivo Ciranda – Grupo de Pesquisa Infância, Cidadania e Redes Educativas.

 [deborapicinato@hotmail.com](mailto:deborapicinato@hotmail.com)

 <http://lattes.cnpq.br/8796573372188325>

 <http://orcid.org/0000-0001-7928-7953>